

A mídia internacional nas Copas da FIFA: análise da África do Sul, Brasil, Rússia e Catar

• Revista
mosaico

Marco Bettine¹

<https://orcid.org/0000-0003-0632-2943>

**The international
media in the
FIFA World
Cups: analysis
of South Africa,
Brazil, Russia
and Qatar**

Resumo

Este artigo busca analisar a Copa do Mundo da Fifa na África do Sul, Brasil, Rússia e Catar por meio das mídias internacionais, tendo como estrutura de análise a esfera pública habermasiana. Como considerações podemos apontar que as mídias internacionais avaliaram a imagem dos países de forma negativa, discutindo os despejos de populações pobres sem um processo de compensação; os abuso dos trabalhadores, principalmente de migrantes; as mudanças nos direitos civis e cerceamento dos movimentos sociais; as ameaças, intimidação e prisão de jornalistas engajados de mídias livres.

Palavras-chave: FIFA; BRICS; Catar; Nações Periferias; Diplomacia Esportiva.

Abstract

This article seeks to analyze the FIFA World Cup in South Africa, Brazil, Russia and Qatar through international media, having the Habermasian public sphere as a framework for analysis. As considerations, this article tries to demonstrate that the international media evaluated the image of the countries in a negative way, discussing the evictions of poor populations without a compensation process; the abuse of workers, especially migrants; changes in civil rights and the curbing of social movements; the threats, intimidation and imprisonment of committed free media journalists.

Keywords: FIFA; BRICS; Qatar; Human rights; Outlying Nations; Sports Diplomacy.

Introdução

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo financiado pela Fapesp que problematiza os megaeventos esportivos (ME). Os primeiros estudos foram da Copa do Mundo (CM) no Brasil e o conceito de *Soft Power*; o segundo conjunto de pesquisas analisou os dois ME no Brasil, CM e Olimpíadas; um terceiro momento foi analisar os BRICS nos ME; neste quarto estágio buscamos analisar a CM nos países periféricos a partir do conceito de diplomacia esportiva.

Deste modo, este buscamos dialogar com a produção acadêmica nacional e internacional para analisar a forma como a imprensa internacional abordou a CM nestes países periféricos. Para desenvolver o tema, o artigo está dividido em quatro partes. Primeiramente discutiremos o documento jornalístico a partir da visão habermasiana; em seguida faremos uma análise dos países sede e a diplomacia esportiva; na terceira parte apresentaremos a análise das mídias internacionais a partir do pressuposto metodológico; por fim, nas considerações finais abordaremos FIFA 2.0 e o que consideramos ser o fim de uma era dos ME em nações periféricas.

O documento jornalístico a partir da visão habermasiana

Antes de trazermos a discussão habermasiana do papel da mídia escrita na sociedade contemporânea, principalmente nos jornais, vamos debater a visão de um importante pesquisador brasileiro na análise da mídia esportiva traçando as diferenças da hermenêutica materialista e comunicativa. Segundo Helal (2011; et al. 2011) os jornais são veículos de construção de memórias. A construção de uma narrativa passa pelas lentes do jornalista que busca, dentro do espaço editorial, apresentar sua memória trazendo fatos, imagens, no sentido de construir uma tradição. Helal (et al., 2004, p. 67), utilizando como escopo teórico Pollak, analisa memórias, esquecimentos, silêncios tendo como fio condutor as narrativas, por exemplo, “sobre a Copa de 1970 e na Copa de 1970”. Neste artigo, a busca não é trazer a construção da memória, mas analisar a produção do diálogo intersubjetivo jornalístico a partir de diferentes fontes no momento do evento.

Buscamos analisar a narrativa jornalística da diplomacia esportiva, e mais enfaticamente o olhar do outro “jornalista” em um país, região, que já possui uma

referência histórico-social-comunicativa, da África do Sul, do Brasil, da Rússia e do Catar.

As narrativas, para Helal (2011), constroem memórias e reafirmam outras, esta forma de fazer o documento jornalístico não são imparciais (SOARES, HELAL, SANTORO, 2004), neste sentido concordamos com Helal, no entanto acrescentamos que nenhuma fonte é imparcial, estamos longe daquilo que Weber denominou de neutralidade axiológica. Isto porque os jornalistas e os acadêmicos, somente para citar dois exemplos, são seres no mundo, como diria Sartre, carregados de valores, crenças, conceitos preconcebidos (BETTINE, 2021).

Como bem aprofunda Helal (2011), Lovisolo (2001) e Holanda/Mello (2012), o estudo utilizando a imprensa é impregnado de axiologia, pois cada matéria são narrativas selecionadas pelos jornais, editadas e classificadas, impondo uma relação assimétrica de poder. Ampliamos esta ideia ao afirmar que o próprio pesquisador faz a sua escolha, que é carregada de valores do mundo da vida. No entanto, há uma grande diferença entre a hermenêutica materialista, analisada por Helal, e a perspectiva comunicativa habermasiana utilizada neste texto.

Na visão de Helal, Amaro, Gauziski (2012), trabalhar com a materialidade implica conceder importância aos objetos e pensá-los enquanto parte de uma rede, que engloba todos os atores responsáveis por uma ação. Na perspectiva hermenêutica materialista, o homem é o senhor de todos os objetos e quem lhes atribui sentido.

Na visão habermasiana só faz sentido uma hermenêutica se o sujeito da ação social atribui sentido aos objetos para comunicar algo para o outro, neste caso, Habermas denominaria de comunicativa, caso contrário, a hermenêutica seria teleológica. Há uma diferença importante entre a perspectiva meio/fim, na visão de Helal, e a perspectiva habermasiana de construção de uma comunicação livre de coerções.

Helal (2004, p. 68) nos fala que devemos pensar “(...) o jornal, a fotografia, a TV, a internet não somente pelos seus conteúdos, mas sim, em sua materialidade e nos efeitos que essa experiência de recepção diferenciada causa no público”. Para a análise habermasiana, a pessoa que escreve conteúdos jornalísticos deve permitir a construção de uma opinião pública, na qual todos os concernidos podem apresentar seus pontos buscando o entendimento. O diálogo jornalista e pesquisador, por meio

da análise sociológica, está discutido por Habermas na *Teoria do Agir Comunicativo* (2012a, p.196-262). Habermas se utiliza da hermenêutica simbolicamente estruturada, que é definida como “(...) decisão de descrever a realidade social de tal modo que ela seja concebida como uma construção do mundo cotidiano (2012, p. 228)”. A compreensão de sentido é o modo de experiência dos participantes de um mundo da vida, “(...) o cientista social certamente precisa servir-se desse *modus* da experiência. É por meio dele que chega a seus dados (2012, p.228)”. Habermas aponta que a tarefa hermenêutica do pesquisador resultaria na retroalimentação interna da teoria pela compreensão cotidiana dos participantes, cujas “exteriorizações devem ser utilizadas com auxílio da teoria”. Na mesma linha de raciocínio Alfred Schütz no livro *A construção significativa do mundo social*, (2018, 45-46) aponta que o “observador ligado às ciências sociais assume um *posicionamento teórico* que lhe permite alçar-se acima da perspectiva vinculada ao mundo da vida, assumida tanto em sua própria práxis vital quanto na práxis vital que ele investiga”. Portanto, nesse artigo a teoria que embasa a análise das mídias jornalísticas é a do agir comunicativo habermasiano.

Concordamos com Vanplew (2013), ao afirmar que a imprensa deveria ser vista como um texto a ser interpretado, em vez de uma fonte fatídica a ser aceita. Assim, a narrativa produzida pelos documentos oficiais e periódicos se constituiu, ao mesmo tempo, fonte e objeto de pesquisa, na medida em que os discursos possuem intencionalidades.

Para que se constitua a hermenêutica comunicativa, as ações assumem a função de construir interações. E para que isso ocorra, é necessário que a escrita jornalística seja passível de checagem das hipóteses argumentadas, tendo, portanto, o processo do agir comunicativo três importantes aspectos de refutação das escritas – a correção normativa, a veracidade e a verdade. Portanto, o jornalista tem como intenção comunicativa (1) realizar uma ação correta baseada em um contexto normativo dado; (2) fazer um enunciado verdadeiro que propicie que o leitor partilhe desse saber escrito; e (3) expresse com sinceridade, opiniões, sentimentos, intenções para que o leitor seja capaz compreender o que é escrito.

África do Sul, Brasil, Rússia e Catar: Fifa e a Diplomacia Esportiva

A crise econômica de 2008 trouxe consigo uma série de contestações à ordem capitalista internacional. Em 2011, a criação do bloco dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) foi a consolidação de um projeto coletivo do Sul, que visava criar um bloco coeso, capaz de fazer frente à União Europeia e aos Estados Unidos. Uma das estratégias deste grupo foi atuar na esfera pública internacional tendo a diplomacia esportiva como um dos pilares para difundir sua marca no plano global (ROCHA, 2019).

Nesse ambiente, os ME foram vistos pelas lideranças dos países periféricos como uma chance de mostrar ao mundo o desenvolvimento do país, sua capacidade organizacional e, através dos jogos, mostrar-se como uma nação que age de acordo com as regras internacionais, em um ambiente de globalização neoliberal. Estes mesmos elementos foram compartilhados com os líderes políticos da África do Sul, do Brasil, da Rússia e do Catar.

Além de utilizar as estratégias típicas das relações internacionais para demandas de comércio exterior, tarifas alfandegárias, legitimidade nos organismos internacionais e relações horizontais com outros blocos econômicos, o que se tornou evidente no século XXI foi a utilização estratégica do esporte como meio para busca de promoção política e econômica internacional, bem como, a intenção de reforçar as agendas domésticas, a legitimidade política e a coesão nacional.

A partir do interesse das nações periféricas em sediar a CM, acreditamos que é possível dialogar com a categoria diplomacia esportiva a partir de uma literatura crítica da sociologia, da globalização e da periferia (BETTINE, 2021; GUTIERREZ, ALMEIDA, 2021; GRIX, LEE, 2013), tendo como material de pesquisa as mídias internacionais.

A diplomacia esportiva pode ser pensada como uma categoria de poder simbólico nas relações internacionais do ocidente, particularmente poder racional-legal no sentido weberiano do termo, aplicado à política entre países. Definindo poder, a partir do trabalho de Chantal Mouffe (2006), como luta entre forças agonistas e antagonistas.

Outro elemento importante da diplomacia esportiva é sua agenda globalizada e liberal, com jogadores, atletas e times com exposição mundial, bem como, as transações entre clubes que beira aos milhões de dólares, grandes magnatas comprando times importantes, da França, Inglaterra e Espanha. No

futebol as interrelações com campeonatos nacionais e internacionais organizados pela Fifa oportuniza uma esfera de aparelhamento mundial do esporte, tendo como epicentro a Europa Ocidental (onde se concentra as maiores estrelas do futebol mundial). E outros países e grupos nacionais que possuem interesses em investir no Futebol, como o Catar, Arábia Saudita, Japão, Rússia, promovendo o segundo escalão de compra e venda de jogadores dos países periféricos que possuem uma tradição de exportar jogadores como commodities (América do Sul, África do Magreb, África subsaariana). Esta relação complexa entre times, empresas, jogadores e países constitui o cerne da diplomacia esportiva. O exemplo emblemático foi a exclusão da Rússia da CM do Catar devido à guerra com a Ucrânia.

A diplomacia esportiva está intrinsecamente relacionada com a esfera pública, tendo essa contribuição uma importância fundamental nessa nova abordagem das relações internacionais.

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opinião; nela os fluxos comunicativos são filtrados e sintetizados a pontos de condensarem opiniões públicas enfiadas em temas específicos. Do mesmo modo que o mundo da vida tomado globalmente, a esfera pública se reproduz através do agir comunicativo implicando apenas o domínio de uma linguagem natural (HABERMAS, 2014, p. 93).

O núcleo institucional da esfera pública é formado pelas redes de comunicação intensificadas pelas atividades culturais, pela imprensa e pelos meios de comunicação de massa, os quais tornam possível a participação do público de cidadãos na integração social, viabilizada pela opinião pública (HABERMAS, 2012b, p. 576-577)

A esfera pública é um espaço social onde os indivíduos podem se reunir para discutir questões de interesse público, trocar informações e opiniões e exercer influência sobre as decisões políticas. A esfera pública pode ser entendida como uma forma de descolonização do mundo da vida, na medida em que permite a participação democrática dos cidadãos na vida política e o questionamento das estruturas de poder que permeiam a sociedade.

Além da esfera pública, a sociedade civil organizada também desempenha um papel importante, na medida em que pode atuar como mediadora entre os cidadãos e o Estado, pressionando por políticas públicas mais inclusivas e justas. A

sociedade civil é um espaço social onde os indivíduos podem se organizar em torno de interesses comuns, exercendo pressão sobre o Estado e as estruturas de poder que permeiam a sociedade.

Partimos da interpretação que a diplomacia esportiva se encontra na esfera pública. Neste estudo, vamos separá-la em três categorias principais: (a) cultura, (b) valores políticos e (c) política internacional.

A partir da visão habermasiana definimos (a) cultura como o estoque ou a reserva de saber, do qual os participantes da comunicação extraem interpretações no momento em que tentam se entender sobre algo no mundo. (b) Valores políticos permite que as pessoas compartilhem experiências e ideias e desenvolvam uma compreensão compartilhada do mundo. A integração social é fundamental para a formação dos valores universais da sociedade, na qual as pessoas se respeitam e se apoiam mutuamente. (c) Política internacional é a forma de comunicação entre nações que podem estar pautados por interesses comunicativos ou estratégicos (HABERMAS, 2012b, p. 252-253). Por fim, a diplomacia esportiva utiliza-se de normas e valores de uma sociedade, assim como as habilidades necessárias para participar plenamente dela. Isso ocorre por meio da comunicação e da interação com outros agentes na esfera pública, como os clubes, as federações e os países.

Para interpretar a diplomacia esportiva nas CM, foram analisadas reportagens de jornais de diferentes línguas. A escolha destes jornais se deu pela influência na esfera pública internacional¹. Os jornais foram: CNN, BBC, Daily Mail, New York Times, The Guardian, El Pais, El Mundo, Le Monde e Folha de SP. O período de análise compreendia três dias antes de iniciar a CM 2014, 2018 e 2022 até três dias depois de terminada. África do Sul 2010, foi realizado *a posteriori*. O acesso às reportagens foi feito diariamente. O pesquisador acessava o site de cada Jornal em dois Cadernos (Editorial e Especial Copa do Mundo), todos os dias no mesmo horário, e copiava as reportagens do escopo de pesquisa. Terminada a coleta, o material de cada jornal era separado por conteúdo (1). As reportagens repetidas e as que estavam fora do escopo foram retiradas (2). Uma segunda leitura abordava os princípios habermasianos, correção normativa, veracidade e verdade (3), as matérias que não cumpriram este critério foram desconsideradas. Por último,

¹ Cf. Reuters Institute/University of Oxford. Overview and key findings of the 2022 Digital News Report, Nic Newman, 15th June 2022.

no caso do estudo realizado para este artigo, foi feita uma terceira leitura para deixar somente as reportagens que tratavam da diplomacia esportiva. Após os passos 1, 2 e 3 foram analisadas 441 reportagens sobre a CM de 2010, 2014 e 2018 e 412 reportagens sobre a CM do Catar.

Os artigos de jornais escolhidos discutiam questões sociais, políticas e econômicas durante a CM. Buscamos entender que tipo de imagem a imprensa estrangeira iria apresentar sobre o país sede e quais seriam os eventuais impactos que eventos desta magnitude trariam para a imagem do país no exterior e se de fato ocorreu a diplomacia esportiva.

A Copa do Mundo e seus atores: análise dos dados

África do Sul em 2010, Brasil em 2014, Rússia em 2018 e Catar em 2022 foram as sedes dos últimos mundiais de futebol masculino. Cada nação queria utilizar para si a visibilidade do evento para fomentar as suas agendas nas três esferas: doméstico, regional e global. Podemos afirmar que os interesses estratégicos de organizar uma CM, possui uma esfera mnemônica no plano da cultura, lazer e turismo, possui uma área de recordações, principalmente para aqueles que tem como marcador de tempo as Copas.

Nas análises dos dados vamos nos ater aos três elementos da diplomacia esportiva: cultura, valores políticos, política internacional.

(a) Cultura

Um dos principais objetivos de acolher um ME, na perspectiva da diplomacia esportiva, é divulgar a cultura do país, incentivar o turismo e aumentar a exportação de alguns produtos típicos. A comunicação social tem um papel fundamental neste processo, apresentando o país ao público estrangeiro, retratando-o como um destino de férias adequado. Buscando construir uma interface entre mundos da vida distintos, possibilitando novos conhecimentos na interrelação entre os sujeitos, pautados nos valores universais da ética kantiana.

A Fifa afirmava que os ME são uma oportunidade de apresentar a cultura e a história do país. Há um imaginário que os jornais produziram matérias sobre gastronomia, cidades históricas e belezas naturais. Este, no entanto, não foi o centro do discurso das mídias, nossas análises mostraram que no caso da África do Sul, da

Rússia e do Catar o foco estava em eventos históricos já conhecidos pelo público, e questões controversas dos países em relação a seus modos de vida.

Na África do Sul o foco da imprensa foi o apartheid, o regime racista que vigorou entre 1948 e 1994 foi discutido a fundo pela imprensa que abordou desde suas raízes históricas até ramificações contemporâneas.

No artigo do Daily Mail tivemos uma reportagem emblemática denominada “Capitão da África do Sul Aaron Mokoena: O futebol mestiço ajudou a superar meu medo dos brancos” (BARLOW, 2010). Na reportagem o capitão da seleção da África do Sul lembra os feitos de Nelson Mandela na Copa do Mundo de Rugby em 1995 como um dispositivo para unir o país. Mandela encorajou os negros a apoiar os *Springboks*, tradicionalmente um símbolo da classe dirigente africâner branca. A vitória do time, segundo Mokoena, ajudou a unir a nação. Mokena fala, no entanto, que em 1992, o município onde morava foi palco de um massacre. O capitão da África do Sul tinha 11 anos quando “46 pessoas foram mortas por filiados do Partido da Liberdade Inkatha (IFP)” (BARLOW, 2010).

O ex-presidente e Nobel da Paz Nelson Mandela foi o tema mais importante na mídia internacional, as reportagens analisaram seu cotidiano, sua história e suas opiniões políticas. Isso foi ampliado devido ao trágico acidente de carro que matou sua sobrinha na véspera da cerimônia de abertura, com a imprensa cobrindo amplamente seu luto.

A Rússia tem influência importante na cultura ocidental, sua literatura, os filmes, a Revolução Bolchevique, o czarismo, são fontes de temas que buscávamos para entender o mundo da vida dos russos. No entanto, o tema mais discutido foi o retorno do país à mesa de negociações com as nações do Ocidente. No texto do NYT “A Rússia definiu os termos da Copa do Mundo para o Ocidente. Os russos vão abraçar o partido de Putin? Smith (2018) discute como a Rússia conquistou o direito de sediar o torneio, a sua cultura bélica; o desmantelamento da *détente* que havia ocorrido entre a Rússia e a Europa e entre a Rússia e a América do Norte ao longo de oito anos sangrentos e intensos; o espectro do racismo e da homofobia e do hooliganismo desfigurando, “este será o grande evento da jogada de Putin” (SMITH, 2018).

Sobre o Catar, esperávamos críticas contundentes em relação à cultura do país, principalmente sobre a desigualdade de gênero, no entanto, o pesquisador via

como possibilidade encontrar artigos que discutiam as origens do Islã, a figura de Maomé, as cidades de Medina e Meca, a cultura árabe, a relação com o Império Otomano, as formas arquitetônicas, as cidades de areia e um pouco da passagem de um pequena tribo que vivia de pérolas para uma das maiores petromonarquias do Oriente Médio.

Mas a opinião pública dos discursos jornalísticos apresentou o Catar como um ambiente hostil aos turistas, exceto se eles fossem extremamente ricos. Os cataris não buscavam dialogar com os visitantes, as reportagens demonstravam que a comunidade migrante era a que se relacionava com as pessoas que foram ver a Copa. Registros dos jornais apontam que a permanência do turista no Catar foi a menor de todas as CM estudadas².

O texto do The Guardian anuncia o início da CM do Catar da seguinte maneira: “Qatar 2022 está realmente acontecendo?” (LIEW, 2022), a reportagem relata as mortes dos trabalhadores migrantes nas obras da CM, “essas pessoas merecem nossa lembrança e nossa vigilância futura, mesmo quando o futebol ocupa o centro do palco” (LIEW, 2022). Outro editorial do The Guardian (2022) discute o sistema de emprego no Catar, *Kafala*, “A Copa do Mundo realmente melhorou os direitos dos trabalhadores no Catar? Cinco especialistas dão seu veredicto”.

Estimamos que milhares de trabalhadores tenham direito a reparação por acusações de recrutamento ilegal, salários não pagos e outros danos. Qatar, Fifa e seus parceiros podem ganhar bilhões com este torneio, mas os trabalhadores que construíram os estádios tiveram seu dinheiro roubado e suas vidas arruinadas. A Fifa não pode mais fechar os olhos e deve criar um fundo de compensação imediatamente. (THE GUARDIAN, 2022, tradução nossa).

Ao contrário do que se poderia esperar, os ME não mostraram aspectos singulares da cultura desses países, mas sim focou em elementos já comuns pelos leitores, neste caso o Apartheid, a história bélica da URSS/Rússia e o trabalho migrante e a falta de direitos humanos no Catar.

O Brasil foi uma exceção entre os países analisados, talvez por não ter um acontecimento marcante no século XX e XXI. A cobertura foi mais dinâmica, discutindo música, gastronomia, história e turismo, numa escala maior do que nos outros três eventos. A BBC, por exemplo, criou um canal exclusivo de músicas

² Cf. Exclusive: 765K World Cup visitors fall short of Qatar's expected 1.2M influx. Mills.

brasileiras, e cada cidade-sede teve um caderno especial no turismo para falar sobre a cultura, a gastronomia, curiosidades e locais que os turistas deveriam conhecer. Entrevistaram diversas personalidades com destaque Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil.

O editorial do Le Monde (2014) afirma que a improvisação brasileira superou as inquietações e o Brasil vive um imenso Carnaval de julho:

Nos estádios todas as preocupações parecem ter desaparecido nos primeiros acordes da cerimônia de abertura. Depois de um pouco mais de uma semana de competição, parece que o desastre anunciado não ocorreu. Claro, falta aqui ou lá o último acabamento, a última camada de tinta. Mas um sorriso faz você esquecer um azulejo que está faltando, um 'bem-vindo' compensa um flanco de soquete ou uma rede telefônica com defeito. Um polegar para cima, signo que significa que está tudo bem, adeus e tudo está ok, serve como esperança para comunicar seu bom humor (HERNANDEZ; HOPQUIN; BOURCIER, 2014, tradução nossa).

Outro aspecto importante foi a análise dos jornais sobre a cultura do futebol em cada país. Na África do Sul, os meios de comunicação retrataram o futebol como um esporte emergente, que busca se firmar em um país onde outras modalidades são mais populares, principalmente o *rugby*, “África celebra a primeira Copa do Mundo do continente com muita alegria e cor... e muito barulho” neste Editorial do Daily Mail (2010) o jornal coloca em dúvida a força do time africano, e afirma que pode ser a primeira vez que um anfitrião não passaria da primeira fase.

No Brasil, o foco estava no profundo significado histórico do esporte e na metáfora do “país do futebol” e a “pátria de chuteiras” (DAILY MAIL, 2014). A CNN com o artigo “Brasil 2014: Explodindo os mitos do sol, do samba, do futebol” (PEREIRA, 2014), discute a diversidade de elementos do Brasil do século XXI. Os jornais sempre acabarão, em algum momento caindo na suposta relação única da modalidade com o país, que pode ser representada na publicação do El Mundo “O Futebol e Brasil” que caracteriza a população brasileira e sua aderência ao futebol (MAYOR, 2014).

Na Rússia, a principal notícia sobre o futebol foi a relação cidades-sede e times de futebol, segundo o jornal espanhol, El Mundo, das onze cidades-sede da CM de 2018, apenas cinco têm times de futebol na primeira divisão. Os jornais destacaram o número pequeno de clubes de futebol importantes a nível mundial, mesmo sendo um esporte popular, segundo o El País, os russos torcem para a

seleção nacional e para times estrangeiros, principalmente da Liga Inglesa. A ocupação dos estádios no principal campeonato nacional, segundo a Folha de SP era de 19% (no período da CM). O Daily Mail apontou que na Rússia tivemos a pior média histórica de torcedores por partida. Isso refletiu nas reportagens que criticaram a escolha da Rússia e o escândalo de corrupção na Fifa.

No Catar CM 2022, discutiu-se o investimento catariano no futebol internacional europeu, principalmente a compra do PSG e os investimentos na Alemanha e Inglaterra. Um ponto exclusivo da CM Catar, em relação as outras Copas, foi as investigações jornalísticas da BBC sobre os “torcedores falsos”. Essa dúvida ocorreu devido a discrepância dos dados do Comitê Organizador sobre a ocupação nos estádios e os espaços vazios. As denúncias, segundo a BBC, apontam que o governo do Catar comprou passagens aéreas e acomodações gratuitas em troca de postagens e declarações positivas sobre a competição nas redes sociais, além de serem solicitados a curtir e compartilhar outros conteúdos online. Segundo o editorial da Folha de SP “Cultura: Futebol e Catar”, os “torcedores falsos” utilizados pelos organizadores eram *influencers* de diversas nacionalidades que assinaram contratos para descrever a copa como positiva, o contrato era da *Fan Leaders: Agreed Code of Conduct*. Segundo a BBC os torcedores foram solicitados a assinar um código de conduta, no qual concordavam em incorporar o conteúdo do Comitê Supremo em suas postagens e em curtir e compartilhar material de terceiros.

Outro aspecto importante sobre a cultura é a receptividade, pois a recepção é o primeiro elo de ligação para a construção de consensos que possibilita uma troca intersubjetiva. Nos dois primeiros eventos (África do Sul e Brasil) a população foi frequentemente descrita como simpática e festiva, característica comum na cobertura em países em desenvolvimento. Os russos, no entanto, foram descritos como frios e introvertidos, conforme publicado pelo The Guardian “Mal parece Moscou agora. As pessoas estão sorrindo” (ROTH, 2018).

No Catar, ficou clara a falta de relação entre os anfitriões e os turistas, inclusive com espaços exclusivos para os turistas e a proibição das mulheres cataris de frequentar as *fans fest*. Miller (2022), do The Guardian, discute “O que a Copa do Mundo significa para o Oriente Médio e o mundo árabe?” “A primeira coisa a deixar claro é que estamos falando de uma enorme fatia da humanidade.” O “mundo árabe” se estende do Marrocos, na costa noroeste da África, até, dependendo da sua

definição, os Emirados Árabes Unidos ou até o extremo leste do Afeganistão. Se definirmos o mundo árabe apenas como aquelas nações onde o árabe é predominantemente falado, ainda estamos falando de 22 países com uma população de 430 milhões.

A questão se esta é uma Copa do Mundo que representa o Oriente Médio, os países árabes, o povo muçulmano é difícil de responder. As pessoas parecem vê-lo como, pelo menos em parte, próprio. A realidade de saber se isso realmente equivalerá a alguma coisa, a qualquer bem tangível no futuro, é menos certa (MILLER, 2022, tradução nossa).

A CM da Fifa no Catar 2022 foi um dos principais impulsionadores para promover importantes mudanças na infraestrutura do país, bem como para transformar a imagem do Catar. No entanto, apesar da grande riqueza de suas reservas de Petróleo e Gás, vários desafios sociais que historicamente afetam o país começaram a surgir devido à maior cobertura da mídia internacional, ameaçando as expectativas de legados positivos deixados na imagem do país a partir do evento. Podemos ter um bom exemplo na reportagem do NYT no dia 28 de novembro de 2022: “Um mural de estádio homenageia os trabalhadores migrantes. Quando a Copa do Mundo começou, ele se foi”.

Milhares de trabalhadores migrantes de alguns dos cantos mais pobres do planeta são atraídos para o Golfo Pérsico e outros países ricos da Ásia todos os anos para trabalhar em projetos de construção, como trabalhadores de serviços e em outros empregos. Grupos de direitos humanos dizem que milhares de trabalhadores que participaram de projetos relacionados à Copa do Mundo de 2022 morreram desde que o Catar garantiu os direitos de hospedagem em 2010, um número que as autoridades do Catar contestam veementemente (PANJA, 2022, tradução nossa).

Como considerações deste subitem cultura podemos pensar que a cultura brasileira e alguns aspectos da cultura africana como a vuvuzela deram um tom positivo que demonstravam o potencial destes países em receber as pessoas, este é um elemento importante tanto para um agir comunicativo, quanto para a diplomacia esportiva, ver seus cidadãos que visitaram o país em um evento tão importante serem bem recebidos. O Brasil foi o mais “acolhedor”, seguido da África do Sul.

A Rússia foi considerada um país hostil aos estrangeiros, no qual as pessoas deveriam ter cuidado devido a cultura racista, misógina e homofóbica do

país (SENETT, 2018). Com vários ativistas presos e repórteres de mídias livres sendo expulsos ou não podendo entrar no país. A CM fortaleceu o belicismo, como: guerra na Síria, derrubada de um avião civil por míssil e assassinatos por envenenamento dos opositores de Putin.

O Catar teve o mesmo caminho que a Rússia, porém acresce-se a dualidade do turista extremamente rico e os que vieram com muita economia e paixão para acompanhar a CM. Os cidadãos de outros países pouco contato tiveram com os cataris, os locais eram extremamente segregados, tendo leis draconianas em relação às mulheres, homossexuais e comunidade jornalística que gostariam de construir uma visão do Catar pelos cataris e não ficar limitado somente ao discurso oficial.

(b) Valores Políticos

Os valores políticos e das instituições estão relacionados a reportagens que tratavam da situação socioeconômica do país. Como o país cuida de seus cidadãos? Quais são seus valores éticos?

Outro objetivo de uma nação periférica acolher um ME, na perspectiva da diplomacia esportiva, é divulgar seus valores políticos, demonstrar que as instituições funcionam, o país é seguro e que respeita as diversidades em todos os sentidos. O agir comunicativo tem um papel fundamental neste processo, apresentando o país ao público estrangeiro, com alteridade, buscando conhecer o outro e auxiliá-lo, ter instituições democráticas que presam pelos direitos de todas as nações e crenças, onde o país anfitrião seja inspiração para os visitantes, que tenham na bagagem de volta a sensação de estar em um local que respeita os valores éticos universais.

As reportagens analisadas colocaram as instituições dos países-sede em dúvida, principalmente sobre suas democracias, consideradas frágeis, África do Sul e Brasil, ou não democráticas, Rússia e Catar. Estes países foram considerados estruturalmente corruptos. Em relação aos direitos humanos, as reportagens evidenciaram vertentes de racismo, xenofobia, misoginia e homofobia estruturais. Na Alemanha, último país desenvolvido a sediar uma CM, as mídias retrataram um povo que olhou para o passado e enfrentou-o: duas guerras mundiais, nazismo, campos de concentração, divisão do país, queda do muro, união em uma única república, esses foram os valores retratados pela opinião pública internacional (GRIX, 2013), a

maior crítica foi relacionada a utilização da CM para ampliar o turismo sexual (RICHTER, et al. 2010). Os países periféricos tiveram outra abordagem, nas análises realizadas no escopo da pesquisa, mostraram que o escrutínio da opinião pública internacional os colocou em xeque, estes tinham sérios problemas e que não viam transformações nos valores políticos-sociais-econômicos a curto, longo ou médio prazo.

No caso da África do Sul e do Brasil, as reportagens são dominadas por questões sociais, principalmente relacionadas à desigualdade, saneamento, falta de oportunidades e infraestrutura urbana. No caso da África do Sul, a epidemia de AIDS foi amplamente discutida. No caso brasileiro temos o editorial do El País com a reportagem: “Infância + Favela = Futebol?” (HIERRO, 2014). A mídia muitas vezes usou as favelas no Brasil e os *Townships* na África do Sul, para discutir a situação social desses países, esses lugares foram retratados de forma conflituosa: por um lado a mídia mostrava a comunidade como uma região única, exótica e detentora de uma cultura mais legítima, mas também como uma região com graves problemas sociais e econômicos (BETTINE, ÖZDEMIR, 2022; SOARES, 2014).

Richter e Massawe (2010) em um artigo publicado no jornal acadêmico *South Africa Medical Journal* discutiram a CM de 2010. Os pesquisadores apontaram que na África do Sul foram criados tribunais de exceção nas cidades-sede, para conter a violência contra o turista. As reportagens analisadas com frequência referenciavam às Nações Unidas e a presença do secretário geral Ban Ki-Moon. O secretário apontou que a infraestrutura para os jogos deveria pensar para além da CM no intuito de construir campanhas efetivas contra o abuso infantil, a exploração, o turismo sexual infantil e o tráfico de pessoas. Outros eventos e campanhas deveriam incluir racismo e intolerância, trabalho infantil, violência contra as mulheres e meninas, e prevenção, tratamento, cuidados e apoio ao HIV/AIDS (RICHTER, MASSAWE, 2010).

No caso brasileiro, o desabamento de um viaduto construído para os jogos na cidade-sede de Belo Horizonte teve abrangência ampla, apontando a falta de qualidade da infraestrutura e os gastos na CM sem retorno aos brasileiros. As favelas, os confrontos entre a polícia e as comunidades que levaram a morte de jovens negros foram bem retratados, inclusive com referência ao relatório da ONU. Outro ponto importante, foi Irina Bokova, Diretor-Geral da Organização das Nações

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura que apontou a morte de jornalistas no Brasil.

Na Rússia, que teve o maior número de artigos, surgem novos elementos. A cobertura enfocou questões sociais como racismo, assédio sexual, homofobia e xenofobia. Ao contrário dos outros dois eventos, nos quais a violência urbana se mostra como o maior risco para os turistas, no caso da Rússia, o perigo vem das atitudes da população do país. A pauta dos jornais analisados coloca a desconfiança aos estrangeiros. A exemplo do artigo do El País de Pilar Bonet (2018) “A festa da Copa do Mundo em Moscou”. “As ruas da capital vivem o torneio como uma rebelião contra a desconfiança, a desconfiança dos turistas e a desconfiança da polícia em relação aos estrangeiros” (BONET, 2018).

A xenofobia e o racismo seguem uma trajetória semelhante. A questão da xenofobia está presente na imprensa britânica, como no The Guardian, em reportagem realizada em 14 de junho de 2018, onde a legisladora russa Tamara Pletnyova afirma: “Não faça sexo com homens de 'raça diferente' durante a Copa do Mundo, alerta política russa”, “Mulheres russas devem evitar sexo com homens estrangeiros não brancos durante a Copa do Mundo de futebol porque podem se tornar mães solteiras de crianças mestiças” (THE GUARDIAN, 2018). Neste caso a legisladora descreve ao jornal a dificuldade das crianças não brancas na sociedade russa. No caso da homofobia a preocupação vem da ideia de que a sociedade russa é hostil aos direitos civis da comunidade LGBTQIA+, como no caso da CNN, Spark (2018), “Ativista dos direitos gays do Reino Unido é preso na Rússia na abertura da Copa do Mundo”. A questão da homofobia foi tratada de forma mais crítica na Rússia e Catar. A Rússia adotou uma série de leis restringindo os direitos da comunidade LGBTQIA+ (SPARK, 2018).

As situações de assédio sexual na Rússia seguiram uma trajetória diferente. Isso foi desenvolvido ao longo dos jogos, não era uma preocupação inicial. Os veículos destacaram o comportamento inadequado dos torcedores como o canto de músicas machistas e o assédio a repórteres russas e torcedoras, o sexismo foi retratado pelo NYT, El País, BBC, The Guardian, Le Monde. Podemos exemplificar com essa reportagem da CNN “Repórter da Copa do Mundo é agredida sexualmente ao vivo na TV”, “Uma jornalista que cobria a Copa do Mundo na Rússia foi abusada sexualmente ao vivo e postou um vídeo do incidente nas redes sociais” (MASTERS,

2018).

No caso do Catar, tivemos a intervenção direta da Fifa ao coibir manifestações das seleções, proibindo-as de utilizar a braçadeira do arco-íris. A Folha de SP discutiu o motivo que levou à Fifa a ameaçar dar cartão amarelo, para que as seleções não vestissem a braçadeira contra homofobia. Segundo o Jornal brasileiro, desde a indicação para sediar o evento em 2010, o Catar tem sido alvo de fortes críticas, intensificadas ainda mais pela proximidade do torneio, especialmente em termos de direitos humanos, particularmente, pessoas LGBTQIA+ e trabalhadores migrantes, incluindo os que trabalharam nas obras da CM. Outro relatório da ONU em 2018 do Escritório de Instituições Democráticas e Direitos Humanos da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), descreve evidências claras de expurgos sucessivos contra pessoas LGBT, sugere uma padrão de impunidade prejudicial à responsabilização por violações de direitos humanos.

A análise dos dois eventos, Rússia e Catar, mostra uma mudança importante na abordagem da imprensa em relação aos valores políticos, comparado à África do Sul e Brasil. Os dados limitados impossibilitam chegar a uma conclusão definitiva. Só é possível especular as causas dessa mudança. Pode estar relacionado a questões específicas da Rússia e do Catar e talvez a uma tendência da imprensa ocidental, como resquícios da Guerra Fria e a Guerra do Golfo/Islã. Outro fator importante foram as manifestações no Brasil #nãovaitercopa e a prisão do alto escalão da Fifa em 2015.

Os valores políticos e as instituições dos quatro países foram apresentadas pelas reportagens como extremamente desiguais – África do Sul: raças e limpeza étnica urbana; Brasil: favelas e desalojamento; Rússia: xenofobia e racismo, Catar: migrantes e violência de gênero -, os países são comumente retratados por seu afastamento dos valores éticos universais, como a fome, epidemias de HIV, respeito aos diferentes, e religiosidade restritiva, pensando na Declaração dos Direitos Humanos da ONU.

Na perspectiva da diplomacia esportiva, apesar destes países conseguirem sediar o evento, a opinião pública e a sociedade civil organizada internacional, tiveram espaço nas mídias para demonstrar os valores políticos, evidenciaram instituições frágeis e corruptas, a falta de segurança em diferentes níveis e a falta de

respeito as diversidades. Utilizando as categorias habermasianas, estes países colonizaram o mundo da vida dos seus cidadãos em detrimento do Padrão Fifa e as exigências dos gastos do evento. Os valores éticos apregoado por Habermas não ocorreu, a falta de alteridade, instituições não democráticas, não gerando, portanto, inspiração para os visitantes.

(c) Política internacional

Política internacional é a forma que ocorre a comunicação entre nações que podem estar pautados por interesses comunicativos ou estratégicos. No foco deste estudo a diplomacia esportiva utiliza das normas e valores internacionais, bem como outros agentes da esfera pública, como os clubes, as federações e as ONGs, para construir pontes institucionais nas relações exteriores. Para a África do Sul era demonstrar que o país construiu valores do ocidente pós embargos da comunidade internacional ligados ao apartheid; Brasil queria garantir uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU; A Rússia buscou apresentar suas credenciais de detentora de poder para impor suas demandas pós queda da URSS; Catar ampliar sua participação no jogo político Ocidental para se proteger contra os embargos dos países do Golfo.

Estes países utilizaram o evento para ampliar sua diplomacia por meio do esporte, com a presença de diferentes personalidades e líderes mundiais que circulariam durante o evento, realizando maiores agendas nas relações internacionais. Oportunizando a força agonista entre nações (MOUFFE, 2006).

A política internacional apresenta elementos interessantes para entender como a mídia retrata os ME, seus benefícios, problemas e futuro. Há uma mudança drástica no quadro entre a África do Sul de 2010 e o Brasil de 2014.

A cobertura da África do Sul foi a mais positiva. A imprensa destacou o significado histórico da primeira CM no continente africano, além do evento transcender a África do Sul sendo muitas vezes retratado como a “Copa da África”. A imprensa destacou os benefícios materiais e imateriais para o país e continente, sem uma preocupação com custos e legado, com os veículos preferindo exaltar os possíveis benefícios do evento. Como exemplo o Daily Mail, Ladyman (2010), “O futebol não foi bom, mas a África do Sul deixou seu legado”.

Depois da África do Sul, uma série de eventos mudou a forma como a mídia entendia a política externa do ME e da diplomacia esportiva. Em 2013 uma série de

grandes protestos aconteceram nas principais cidades brasileiras tendo como um dos alvos os gastos exorbitantes da CM. Isso impactou a cobertura do Brasil, da Rússia e do Catar que perderam parte do tom épico para dar lugar a uma visão mais equilibrada sobre os prós e contras desse tipo de evento (BETTINE, 2021).

No caso brasileiro, a cobertura começa com os jornais expressando muitas dúvidas quanto à capacidade de organização e ao apoio da população à CM, bem como à viabilidade do evento. Houve primeiro uma tendência dos veículos para, no início do evento, duvidar de sua viabilidade, mostrando preocupação com a infraestrutura, protestos, corrupção, violência. À medida que a Copa transcorria sem incidentes, os jornais analisados dedicaram pelo menos uma reportagem reconhecendo que as previsões catastróficas não iam se realizar, e que mesmo com pequenos problemas a CM seria um sucesso (GUTIERREZ; BETTINE, 2020).

Na Copa do Mundo da Rússia, as críticas tomaram outra forma. Os jornais não estavam preocupados com o custo do evento ou os benefícios para o povo russo, mas com seu impacto político internacional. O evento foi visto principalmente como um movimento do governo para ampliar sua influência interna e externa, com os jornais até levantando a questão se seria ético assistir aos jogos, como colocou o jornalista Hodge (2010) da CNN “Em meio à Copa do Mundo, Vladimir Putin marca alguns objetivos diplomáticos”. Se a África do Sul era a “Copa da África”, o evento russo era frequentemente retratado como a “Copa de Putin”.

Na Rússia o foco da imprensa foram questões políticas e bélicas, com particular interesse nos dissidentes políticos do regime de Vladimir Putin. Os veículos então cobriram amplamente a situação de Alexei Navalny, um dos principais líderes da oposição russa, e os protestos do grupo *Pussy Riot*, que invadiu o gramado durante a final da CM. A politização dos ME nos países em desenvolvimento é um tema que já foi discutido em outras ocasiões, principalmente relacionadas à China, com outros trabalhos apontando para uma situação semelhante na CM da Rússia (MEIER et al., 2019).

No Catar a política das petromonarquias e a dependência da Europa do petróleo do Golfo, devido a guerra da Ucrânia, deram o tom das relações internacionais. Este artigo do NYT é bem esclarecedor:

A celebração terminou uma década tumultuada para um torneio concedido em um escândalo de suborno; manchado por

reivindicações de violações dos direitos humanos e as mortes e ferimentos sofridos pelos trabalhadores migrantes contratados para construir a Copa do Mundo de US\$ 200 bilhões do Catar; e sombreado por decisões controversas sobre tudo, desde álcool a braçadeiras (PANJA, 2022, tradução nossa).

No Catar o evento foi considerado excelente, no entanto, as críticas aos direitos humanos, direitos LGBTQIA+, direitos das mulheres, direito ao trabalho digno, a corrupção na Fifa, a corrupção de uma parlamentar da União Europeia, e, a forma como a Fifa e o Catar fizeram para controlar o torneio foram mais importantes. Mesmo as reportagens que tratavam da beleza estética dos jogos, acabava por apontar algum problema social da sociedade catari, ou da Fifa e seus parceiros comerciais.

O que se pode constatar ao analisar os quatro eventos é que, a partir do Brasil, a imprensa tem uma visão mais crítica dos jogos, deixando de lado a exaltação pura e simples, para analisar os impactos políticos e econômicos de sediar a CM. No caso do Brasil, o impacto econômico de um investimento dessa magnitude em um país com diversos problemas sociais; na Rússia o fortalecimento de um regime visto como não democrático; e no Catar as petromonarquias e o islamismo. A África do Sul, como país periférico, estaria sujeita a críticas semelhantes, mas naquele momento a imprensa internacional optou por deixar essas questões em segundo plano.

No Catar, apesar de todos os esforços do país para modernizar esteticamente e turisticamente sua sociedade, várias incertezas e desconfianças pairaram sobre a forma como o Catar (e a região) lidam com questões sensíveis de direitos humanos, que afetam diretamente alguns dos objetivos da ONU 2030 (Objetivos de Desenvolvimento), especialmente no que diz respeito aos princípios que falam sobre pobreza, saúde e bem-estar social, igualdade de gênero, condições de trabalho, desigualdade social, justiça e instituições — questões que ainda têm muito a evoluir no país.

Se pensarmos nas instituições do Catar, o primeiro contraste é o regime de governo não democrático que existe no país. Além disso, vários avanços ainda precisam ocorrer em questões como os direitos das “minorias” como igualdade de gênero, descriminalização da comunidade LGBTQIA+, direitos trabalhistas dos trabalhadores migrantes. Apesar de ser um país muito rico, ainda é possível

observar a pobreza dos trabalhadores migrantes. Isso pode ser dito porque existem diferenças significativas entre os salários dos trabalhadores migrantes (mais de 90% da força de trabalho) e os nacionais do Catar (cerca de 10% da população, mas detentores da maior riqueza).

O Sistema *Kafala* é apontado pelo The Guardian (2022) como escravidão moderna, os cataris são altamente dependentes dessa força de trabalho estrangeira para promover suas transformações desenvolvimentistas. Os trabalhadores veem principalmente dos países mais pobres do sul da Ásia.

Considerações Finais: FIFA 2.0 – O fim de uma era

A Fifa comercializa seu produto, CM, dentre inúmeros pontos para vender este produto está a diplomacia esportiva, durante um longo tempo o país sede estará na mira da mídia mundial e poderá celebrar seus acordos comerciais em uma conjuntura neoliberal a partir da estrutura sistêmica e do agir estratégico. No entanto, os valores imateriais, como cultura, valores políticos e política internacional não foram atingidos, por faltar elementos do agir comunicativo e valorização do mundo da vida.

Os países analisados pelo seu sentimento de déficit de representatividade e interesse de ampliar sua força e poder no jogo geopolítico mundial, alimentaram o poder da Fifa. Nestes países a CM deixou um rastro de corrupção, de desalojados, de violência aos direitos humanos e de obscuridade. A Fifa envolve seus parceiros e sua cúpula em um jogo de corrupção e poder, demonstrado pelas investigações dos escândalos gerados nas últimas duas décadas.

A CM em países periféricos demonstrou: (a) despejos de populações pobres sem um processo de compensação; (b) abuso dos trabalhadores, principalmente de migrantes; (c) mudanças nos direitos civis e cerceamento dos movimentos sociais; (d) ameaças, intimidação e prisão de jornalistas engajados de mídias livres.

Nesta situação de corrupção endêmica, em outubro de 2016 a FIFA anunciou um pacote de reforma histórico que inaugurou uma nova era de governança global do futebol, conhecida como FIFA 2.0. Apesar de décadas de lucratividade para seu evento mais visível, a liderança da Fifa estava sob intenso escrutínio após os escândalos de corrupção e suborno.

Ao selecionar a candidatura *United 2026* (EUA, Canadá e México), a Fifa aparentemente foi além do expansionismo de mercado e das estratégias de redesenvolvimento urbano, buscando, em vez disso, grandes conglomerados globais como o NAFTA (BEISSEL, TERNES, 2022). **Demonstrando o fim de uma era, a dos ME em Nações Periféricas.** Agora serão conglomerados econômicos e não mais Estados-Nação que irão promover os eventos.

A Fifa tinha como principal estratégia, antes da mudança para FIFA 2.0, explorar os valores materiais e simbólicos e criar um *place branding*, para isso era preciso criar novos estádios e mudanças urbanas. Agora seu mercado é *trading in luxury goods*. Com a marca *United* coloniza-se o mundo da vida como unidade global, paz, e diplomacia, consolidando a Fifa dentro do Sistema Dinheiro Mundial.

Artigo recebido em 03 de fevereiro de 2023.

Aprovado para publicação em 29 de março de 2023.

Referências

BARLOW, M. South Africa skipper Aaron Mokoena: Mixed-race football helped overcome my fear of white people. **Daily Mail**. Rustenburg, 11 June 2010. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sport/worldcup2010/article-1285788/WORLD-CUP-2010-South-Africa-skipper-Aaron-Mokoena-Mixed-race-football-helped-overcome-fear-white-people.html>. Acesso em: 07 mar. 2023

BEISSEL A. S. TERNES. N. The Empire Strikes Back: FIFA 2.0, Global Peacemaking, and the 2026 FIFA Men's World Cup. **Journal of Global Sport Management**, v.12, n.1, p.34-43, 2022.

BETTINE, M. FIFA, BRICS, and the Soft Power Discourse: Analysis of the World Cup in South Africa, Brazil, and Russia. In: GIGLIO, S.; PRONI, M. (org.). **Football and Social Sciences in Brazil**. 1ed. Berlin: Springer Nature, 2021, v.1, p.144-152.

BETTINE, M.; OZDEMIR, M. The Rio Olympic games in the New York times pages: an analysis of Brazilian soft power. **Sociology International Journal**, v.6, p.234-238, 2022.

BONET, P. La fiesta mundialista de Moscú. **El País**. Mundial de Rusia. 23 jun 2018. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2018/06/22/mundial_futbol/1529666242_439955.html. Acesso em: 07 mar. 2023.

COOPER, R. **Hard power, soft power and the goals of diplomacy**. American power in the 21st century, Washington, Public Affairs, 2004.

DAILY MAIL (Editorial). Africa celebrates the continent's first ever World Cup with a burst of joy and colour... and lots of noise. **Daily Mail**. 11 June, 2010. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-1285853/Africa-celebrates-World-Cup-burst-joy-colour-lots-noise.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

DAILY MAIL (Editorial). From patriotic sunbathers to colourful VW Beetles: Incredible photos capture everyday life in Brazil ahead of the World Cup. **Daily Mail**. TRAVELMAIL REPORTER. 12 June 2014. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/travel/article-2655999/Incredible-photos-capture-everyday-life-Brazil-ahead-World-Cup.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO (Editorial). Cultura: Futebol e Catar. **Folha de São Paulo**. Editorial. 23 nov. 2022. Disponível em <https://www.folha.uol.com/noticias/copa-do-mundo-2022/catar-2022-os-polemicos-torcedores-falsos-usados-pelos-organizadores-em-esquenta-da-copa/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

GRIX, J. 'Image' leveraging and sports mega-events: Germany and the 2006 FIFA World Cup, **Journal of Sport & Tourism**, vol17, n.4, p.289-312, 2012.

GRIX, J., LEE, D. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction. **Global Society**. v.27, n.4, p.521-536, 2013.

GUTIERREZ, D; BETTINE, M. The international journalistic coverage of the Rio de Janeiro Olympic Games: analysis by media framing. **Sport in Society**, v.1, p.1-16, 2020.

GUTIERREZ, D.; ALMEIDA, M. Two Events, Two Brazils: A Critical Discourse Analysis of the FIFA World Cup and the Olympic Games. **International Journal Of Sport Communication**, v.14, p.591-607, 2021.

HABERMAS, J. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo. racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo, Martins Fontes, 2012a. v 1.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo. sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo, Martins Fontes, 2012b. v. 2.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. São Paulo, **ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo**, vol.8, n.21, 2011.

HELAL, R; AMARO, F; GAUZISKI, D. Uma partida em imagens: Instagram, Futebol e Materialidades da Comunicação. **LOGOS A Cientificidade da Comunicação: Epistemologias, Teorias e Políticas**. Vol.19, n.2, 2012.

HELAL, R.; LOVISOLO, H. e SOARES, A.J. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011

HERNANDEZ, A.; HOPQUIN, B.; BOURCIER, N. L'improvisation à la brésilienne se révèle à la hauteur de l'événement. **Le Monde**, 21 junho 2014. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/21/l-improvisation-a-la-bresilienne-se-revele-a-la-hauteur-de-l-evenement_4442780_1616627.html. Acesso em: 05 jan. 2019.

HIERRO, L. Infancia+favelas=fútbol. **El País**. Madrid. 16, jun. 2014. Brasil, p.1. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2014/06/09/planeta_futuro/1402337916_559348.html. Acesso em: 07 mar. 2023.

HODGE, N. Amid the World Cup, Vladimir Putin scores some diplomatic goals. **CNN**, June 20, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/06/20/europe/putin-russia-world-cup-diplomatic-goals-intl/index.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

HOLANDA, B.B. MELLO, V. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2012.

LADYMAN, I. The football wasn't great - but South Africa have their legacy. **Daily Mail**, 13 July 2010, Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sport/worldcup2010/article-1294124/WORLD-CUP-2010-The-football-wasnt-great--South-Africa-legacy.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

LIEW, J. Qatar 2022 is actually happening: a horrifying but irresistible prospect. **The Guardian**. World Cup 2022. Thu 17 Nov 2022. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/2022/nov/17/qatar-2022-is-actually-happening-a-horrifying-but-irresistible-prospect>. Acesso em: 07 mar. 2023.

LOVISOLO, H. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In HELAL, R.; SOARES J. & LOVISOLO, H. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

MASTER, J. World Cup reporter sexually assaulted on live TV. **CNN**. June 20, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/06/20/football/female-reporter-assaulted-world-cup-spt-intl/index.html>. Acesso em: 07 mar.2023.

MAYOR, P. El fútbol y Brasil. **El Mundo**. Valencia. 19 Jun. 2014. Comunidad Valenciana, p.1. Disponível em: <http://www.elmundo.es/comunidad-valenciana/2014/06/19/53a1e999ca474197518b4594.html> Acesso em: 07/03/2023.
MEIER, H. E., M. MUTZ., J. GLATHE., M. JETZKE, AND., M. HÖLZEN. 2019. Politicization of a Contested Mega Event: The 2018 FIFA World Cup on Twitter. **Communication & Sport**, v.1, n.1, p.23-32, 2019.

MILLER, A. What the World Cup means for the Middle East and the Arab world. **The Guardian**. Word Cup. 28 Nov 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/3935151/2022/11/26/world-cup-middle-east-arab-world/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

MOUFFE, C. Por um Modelo Agonístico de Democracia. **Revista de Sociologia e Política**. n.25, p.165-175, 2006.

PANJA, A. What the World Cup means for the Middle East and the Arab world, stadium mural honors migrant workers. When the World Cup started, she was gone.

NYT. Human Rights. 26/11/2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/14/sports/world-cup/qatar.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

PANJA, T. Qatar Got the World Cup It Wanted. **NYT**. Dec. 18, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/12/18/sports/soccer/qatar-world-cup-host.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

PEREIRA, A. Brazil 2014: Exploding the myths of sun, samba, soccer. **CNN**. São Paulo. 13 Jun. 2014. Opinion, p.1. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/06/13/opinion/brazil-sun-sex-soccer> Acesso em: 07 mar. 2023.

RICHTER, M.; MASSAWE, D. Serious soccer, sex (work) and HIV: will South Africa be too hot to handle during the 2010 World Cup?. **SAMJ, S. Afr. med. j., Pretoria**, v.100, n.4, p.222-223, 2010.

RICHTER, M., et al. Sex work and the 2010 FIFA World Cup: time for public health imperatives to prevail. **Global Health** vol.6, n.1, 2010.

ROCHA, L. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

ROTH, A. 'It barely feels like Moscow right now. People are smiling'. **The Guardian**. Word Cup 2018. 14 jun 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2018/jun/14/russia-world-cup-2018-saudi-arabia-football-fan-colour-moscow-streets>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SCHALLHORN, C. The land of football: An analysis of media coverage of the 2014 FIFA World Cup and its effects on people's perceptions of Brazil. **International Journal of Intercultural Relations**, v.72, n.1, p.25-35, 2019.

SCHÜTZ, A. **A construção significativa do mundo social**, São Paulo, Vozes, 2018

SENETT, K. World Cup: Safety fears for gay fans heading to Russia. **BBC**. Canada. 13 June 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-44447115>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SMITH, R. Russia Has Set the World Cup Table. Will Russians Embrace the Party? **NYT**. On Soccer. 14 jun 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/14/sports/world-cup/russia.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SOARES; A.; HELAL, R., & SANTORO, M. Futebol, imprensa e memória. *Fronteiras-estudos midiáticos*, vol.VI, n.1, p61-78, 2004.

SOARES, I. A walking tour of Rio's favelas. **CNN**. Rio de Janeiro. 02 jul. 2014. World Cup, p.1. Disponível em: <http://edition.cnn.com/videos/sports/2014/07/02/soares-pkg-world-cup-tours-favelas.cnn>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SPARK, W. Gay Rights: activist arrested in Russian World Cup. **CNN**. Europe. 14 jun 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/06/14/europe/gay-rights-activist-arrested-russia-intl/index.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

THE GUARDIAN (Editorial). Don't have sex with men of 'different race' during World Cup, Russian political warning. **The Guardian**. World Cup. 14 de junho de 2018. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/2018/jun/14/dont-have-sex-with-men-from-different-race-during-world-cup-warns-russian-politician>. Acesso em: 07 mar. 2023.

THE GUARDIAN (Editorial). Has the World Cup really improved workers' rights in Qatar? Five experts give their verdict. **The Guardian**. Rights and freedom Qatar Sun 23 Oct 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/oct/23/qatar-labour-policy-workers-world-cup-2022-expert-verdict>. Acesso em: 07 mar. 2023.

THE GUARDIAN (Editorial). The Guardian's view on the World Cup in Qatar: gestures are not enough. The governing body of world football must heed the calls to compensate abused migrant workers. **The Guardian**. Editorial. Dec. 18 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/profile/editorial>. Acesso em: 07 mar. 2023.

VANPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, vol.17, n.34, p.5-17, 2013.

Sobre a autoria

¹Pós-Doutorado em Sociologia do Esporte pela Universidade do Porto (Portugal). Professor da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: marcobettine@gmail.com.